

# A SERPENTE DE BRONZE

Humberto de Campos

(Conselheiro XX)

A  
Arnaldo Quintella e  
Jayme Poggi

SIMILIA SIMILIBUS CURANTUR

Tornaram logo os israelitas a murmurar, pelo que mandou o Senhor contra eles serpentes venenosas, cuja mordedura queimava como fogo. E morrendo muitos com dores atrocíssimas, veio o povo ter com Moisés, e disse: "Pecamos contra o Senhor e contra ti; roga-lhe que nos livre destas serpentes". Anuiu Moisés ao pedido, e o senhor lhe deu a seguinte ordem: - "Faze uma serpente de bronze, e arvora-a no alto de um poste; e todo o que, sendo mordido, olhar para ela, será salvo". Obedeceu Moisés, e todos aqueles que tinham sido feridos, e olharam para a serpente de bronze, ficaram curados." - D. Antônio de Macedo Costa, Resumo da História Bíblica p. 39, pag. 71.

- I - [O FILÓSOFO](#)
- II - [A ROSA AZUL](#)
- III - [A BILHA](#)
- IV - [O TROCO](#)
- V - [A EPILÉTICA](#)
- VI - [OS SUBMARINOS](#)
- VII - [NINHO DO CURIÓ](#)
- VIII - ["VITÓRIA-RÉGIA"](#)
- IX - [A MULATA](#)
- X - [AS PERDIZES](#)
- XI - [A OBRA PRIMA](#)
- XII - [MAMÃE](#)
- XIII - [A INTENÇÃO](#)
- XIV - [OS JASMINS](#)
- XV - [EDUCAÇÃO ANTIGA](#)
- XVI - [AS CRUZES](#)

XVII - [O PERFUME](#)  
XVIII - [EXPERIÊNCIA](#)  
XIX - [ILUSÃO](#)  
XX - [FERRABRÁS](#)  
XXI - [INDEFESA](#)  
XXII - [A SANTA CASA](#)  
XXIII - [O GATO E O PASSARINHO](#)  
XXIV - [A NOIVA DO DONATO](#)  
XXV - [O DATILÓGRAFO](#)  
XXVI - [O MILAGRE](#)  
XXVII - [A SURPRESA](#)  
XXVIII - [AS FOLHAS](#)  
XXIX - [AS JACOBITAS](#)  
XXX - [A CHÁCARA](#)  
XXXI - [MANIAS](#)  
XXXII - [FEMINICE](#)  
XXXIII - [CHAVES E FECHADURAS](#)  
XXXIV - [O MONSTRO](#)  
XXXV - [A "FESTA DOS OVOS"](#)  
XXXVI - [APARÊNCIAS](#)  
XXXVII - [A COBERTA](#)  
XXXVIII - [A DERRADEIRA "MORADA"](#)  
XXXIX - [A PUNIÇÃO](#)  
XL - [O NABABO](#)  
XLI - [A CONFISSÃO](#)  
XLII - [POLÍTICA](#)  
XLIII - [O AMIGO](#)  
XLIV - [A LIÇÃO](#)  
XLV - [OS GÊMEOS](#)  
XLVI - [AS CAMISAS](#)  
XLVII - [O SONÂMBULO](#)  
XLVIII - [O AMBICIOSO](#)  
XLIX - [O SOVINA](#)  
L - [CERIMÔNIAS NUPCIAIS](#)  
LI - [A PEDRA DOS NAMORADOS](#)  
LII - [O PORCO](#)  
LIII - [REVELAÇÃO](#)  
LIV - [RESPOSTA DIFÍCIL](#)  
LV - [O TROPEIRO](#)  
LVI - [PARÁBOLAS](#)  
LVII - [A ADÚLTERA](#)  
LVIII - [OBEDIÊNCIA](#)  
LIX - [AS LOÇÕES MIRACULOSAS](#)  
LX - [A VINGANÇA](#)  
LXI - [ALTRUÍSMO](#)  
LXII - [MODAS...](#)  
LXIII - [OS SUSPENSÓRIOS](#)  
LXIV - [A BARONESA](#)  
LXV - [A FOME NO AMAZONAS](#)  
LXVI - [OS "REDDIS"](#)  
LXVII - [FORTUNATO](#)  
LXVIII - [O LIMO](#)  
LXIX - [A VIRGEM](#)  
LXX - [MELHORAMENTOS...](#)

LXXI - [A CAÇADA](#)  
LXXII - [A MANICURA](#)  
LXXIII - [MOCIDADE...](#)  
LXXIV - [A PÉROLA](#)  
LXXV - [OS MÉDICOS](#)  
LXXVI - [O "BRAVO DOS BRAVOS"](#)  
LXXVII - [O PÉ E O SAPATO](#)  
LXXVIII - [O PATRÃO](#)  
LXXIX - [AS "GAFFEUSES"](#)  
LXXX - [OS HORRORES DA GUERRA](#)  
LXXXI - [PAVORES DE ENFERMO](#)  
LXXXII - [O ELEFANTE](#)  
LXXXIII - [O RIO PURÚS](#)  
LXXXIV - [REPRESÁLIA](#)  
LXXXV - [O PRÊMIO](#)  
LXXXVI - [A CIDADE INDISCRETA](#)  
LXXXVII - [O LADRÃO](#)  
LXXXVIII - [O PRESTÍGIO DO "ROUGE"](#)  
LXXXIX - [A FESTA DA INTELIGÊNCIA](#)  
XC - [CONSEQÜÊNCIAS DO PROTOCOLO](#)  
XCI - [OS COLCHETES](#)  
XCII - [O VESTIDO](#)  
XCIII - [CONVENIENTES DO CIÚME](#)  
XCIV - [MIOPIA](#)  
XCV - [O SAPATEIRO](#)  
XCVI - [ENTRE OS PAPUAS](#)  
XCVII - [AS "MENINAS"](#)  
XCVIII - [ELAS...](#)  
XCIX - [BARBA DE BODE](#)  
C - [O TRIUNFADOR](#)  
CI - [A CORNUCÓPIA](#)  
CII - [O MILAGRE DE S. BENEDITO](#)  
CIII - [O LEILÃO](#)  
CIV - [LÂMPADAS E VENTILADORES](#)  
CV - [MILITARISMO](#)  
CVI - [APÓLOGO SERTANEJO](#)  
CVII - [AS GARRAFAS](#)  
CVIII - [PELE CURTA](#)  
CIX - [MALITIA SEXUS](#)  
CX - [MME. LONDON BANK](#)  
CXI - [EFEITOS DO TANINO](#)  
CXII - [ZURTZ](#)  
CXIII - [A CHUVA LUMINOSA](#)  
CXIV - [PEDRAS PRECIOSAS](#)  
CXV - [O BRAVO](#)  
CXVI - [SÃO FILOMENO](#)  
CXVII - [O JAVALI DE CALYDON](#)  
CXVIII - [AUTOS E "TAXIS"](#)  
CXIX - ["GIGOLÔ"](#)  
CXX - [CEFALALGIA](#)

## O FILÓSOFO

1° de janeiro

Educado no Colégio Caraça, o coronel Venâncio Figueira, fazendeiro em Uberaba, havia se contaminado, pouco a pouco, de filosofia e de latim, de modo a preocupar-se, mais do que o necessário, com os graves problemas da vida. Manuseador cotidiano de certos autores profanos, ele se punha, às vezes, a pensar, no alpendre da sua casa de fazenda:

- Sim, senhor! Esses filósofos têm razão! Este mundo é tão desigual, tão cheio de injustiças, de irregularidades clamorosas, que qualquer mortal, encarregado de fazê-lo, o teria feito melhor!

E acentuava, melancólico:

- Este mundo está muito mal feito!...

À noite, porém, reunida a família na sala de jantar, o velho fazendeiro arreganhava os óculos no nariz, tomava a "Bíblia", chegava para mais perto o lampião de querosene, e punha-se a ler, pausado, o "Livro de Jó". E começava, de novo, a meditar, diante destas palavras do capítulo 38:

"4. Onde estavas tu, quando eu fundava a terra? Faze-mo saber, se tens inteligência.

"25 - Quem abriu para a inundação um leito, e um caminho para os relâmpagos e trovões?

"41 - Quem prepara aos corvos o seu alimento, quando os seus filhotes implumes gritam a Deus, e andam vagueando por não terem de comer?"

Certo dia, dominado pelas idéias reacionárias bebidas em autores modernos, passeava o coronel pelo pátio da fazenda, quando, ao ver as andorinhas que vojavam por cima do gado, voltou novamente a raciocinar:

- É isso mesmo, não há duvida! O mundo é muito mal arranjado. Aqui está, por exemplo; este boi. Porque, tendo ele chifres, patas, orelhas, e sendo tão forte, há de viver sempre na terra, a arrastar-se pelo solo, quando aquela andorinha, que não tem nada disso, se locomove, rápida, ligeira, dominando os ares?

Nesse momento, porém, uma andorinha que lhe passava por cima, deixou escapar alguma coisa que lhe fazia sobrecarga, e que foi cair, certa, na cabeça descoberta do coronel. Este levou a mão instintivamente à calva, e, olhando os dedos brancos daquela indignidade, caiu de joelhos, clamando, arrependido:

- Perdoai-me, Senhor, perdoai-me! O mundo está muito bem organizado! O que nele há, o que nele vive, o que nele existe, foi feito com perfeição, com acerto, com sabedoria!

E levantando-se, limpando a mão:

- Imagine-se que fosse um boi....

**II**

## **A ROSA AZUL**

4 de janeiro

O comendador Luiz de Faria acabava de fechar os olhos à velha marquesa de São Justino, adoçando-lhe o momento da morte com a notícia alvissareira e mentirosa da completa regeneração do seu neto, o estudante Guilherme de Araújo, quando o encontrei à porta da casa funerária, à espera do seu automóvel. Abalado, ainda, pela emoção daquele instante, em que tivera de lançar mão de uma falsidade para perfumar o último sopro de uma vida de virtudes e sofrimentos, o antigo par do reino português aceitou um lugar no meu "taxi", e confessou-me, em viagem:

- A mentira, meu amigo, é, às vezes, uma necessidade. Aquela de que me socorri há meia hora, para suavizar a morte de uma santa, de uma senhora cuja maior esperança consistia no futuro de um neto que se desgarrara do lar, era tão necessária como a do prior da Cartuxa para alegrar a agonia daquele célebre monge do Bussaco.

Eu olhei, interrogativamente, o meu companheiro de viagem, e ele, percebendo a ignorância, indagou, com admiração:

- Não conhece, então, a lenda da rosa azul?

À minha afirmativa, que lhe pareceu estranha, o comendador apoiou as mãos robustas no castão de ouro da bengala, e contou:

- No Mosteiro da Cartuxa, no Bussaco, em Portugal, vivia, em séculos que já se foram, um piedoso e santo monge, cuja vida se consumia, inteira, entre a oração e as rosas. Jardineiro da alma e das flores, passava ele as manhãs de joelhos, no silêncio da nave, aos pés de um Cristo crucificado, e as tardes, no pequeno jardim da ordem, curvado diante das roseiras, que ele próprio plantava e regava.

O comendador interrompeu um momento a narrativa, recostou-se na almofada, e continuou:

A sua paciência de jardineiro era absorvida, entretanto, por uma idéia, que era um sonho: encontrar a rosa azul das lendas do Oriente, de que tivera notícia, uma noite, ao ler os poemas latinos dos velhos monges medievais. Para isso, casava ele as sementes, os brotos, fundia os enxertos, combinando as terras, com que as cobria, e as águas, com que as regava, esperando, ansioso, o aparecimento, no topo da haste, do sonhado botão azul! Ao fim de setenta anos de experiências e sonhos, em que se lhe misturavam na imaginação as chagas vermelhas de Cristo e as manchas celestes da sua rosa encantada, surgiu, afinal, no coroamento de um galho de roseira, um botão azul, como o céu. Centenário e curvado, o velhinho não resistiu à emoção; adoeceu, e, conduzido à cela, ajoelhou-se diante do Crucificado, pedindo-lhe, entre soluços pungentes, que, como prêmio à santidade da sua vida, não lhe cerrasse os olhos sem que eles vissem, contentes, o desabrochar da sua rosa azul.

Uma nova pausa, e o meu companheiro tornou:

- Em volta do santo velhinho, no catre do mosteiro, todos choravam, compungidos. E foi, então, que, divulgada de boca em boca, foi a notícia ter a um convento das proximidades, onde jazia, orando e sonhando, uma linda infanta de Portugal. Moça e formosa, e, além de formosa e moça, - fidalga e portuguesa, compreendeu a pequenina freira, no jardim do seu sonho, o valor daquela ilusão, e correu à sua cela, consumindo toda uma noite a fazer, com os seus dedos de neve, uma viçosa flor de seda azul, que perfumou, ela própria, com essência de gerânio. E no dia seguinte, pela manhã, morria no seu catre, sorrindo entre lágrimas de alegria, por ter nas mãos tremulas, por um milagre do céu, a sua rosa azul!

O "taxi" parava no meio-fio da calçada, o comendador acrescentou, estendendo-me a mão agradecida:

- Feliz, meu amigo, aquele que morre, como esse monge e a marquesa, apertando nas mãos a rosa, mesmo mentirosa, de uma roseira de que cuidou toda a vida.

III

**A BILHA**

9 de janeiro

Sentado em um banco de madeira tosca, colocado por ele próprio diante da sua chácara do "Bom Retiro", a dois quilômetros de São Fidelis, olha o coronel Saturnino as grandes águas do Paraíba, que rola, sereno e inchado, no rumo de São João da Barra. A cinco metros do honrado fazendeiro, no leito do rio, emergem duas cabeças queridas: a do filho, o Alfredinho, um pirralho louro, forte, vivaz, de quatro anos, feitos em setembro, e a da sua segunda esposa, D. Florinda, cujos cabelos castanhos, soltos e molhados, lhe orlam, como um capuz de freira, o formoso rosto moreno. O fazendeiro olha, sorrindo, os dois banhistas que lhe enchem o coração, e dá ordens:

- Não vá para longe, Alfredo. Fique aí mesmo.

E para a esposa:

- Mergulhe, Lindinha. Está com medo?

A moça dá um mergulho ligeiro, e aparece mais distante, com os lindos olhos fechados, para que lhe escorra melhor sobre o colo forte, como pérolas dissolvidas, a água que lhe encharca os cabelos.

Diverte-se o coronel, assim, com os dois anjos que lhe constituem a família, quando, tomando uma bilha velha e inservível que se achava próxima, se põe de pé, e a atira, longe, um exercício dos músculos vigorosos, na corrente do rio. Apanhada pela correnteza, a vasilha de barro começa a descer, rápida, rodopiando, arrebatada pelas águas. De repente, porém, com a boca para cima, começa a encher-se, afundando-se pouco a pouco, até que desaparece, sem deixar vestígio, no tumulto um redemoinho fervente.

Alfredinho olha, atento, a viagem da vasilha, e, vendo-a desaparecer na voragem, franze o cenho infantil, perguntando, intrigado, ao velho:

- Papai, por que é que a bilha foi para o fundo?

- Porque entrou água; está claro! - explicou o coronel.

- Ela não estava com a boca para cima?

- Estava, sim.

- E como entrou água?

- Porque estava furada, - tornou o velho.

O pequeno meditou um instante, franziu a testazinha inteligente, e, olhando Dona Florinda, que se encaminhava com o rosto fora d'água, para o meio do rio, gritou, alto, alarmado, com a vozinha fina:

- Mamãe, venha mais p'ra beira!...

#### IV

#### O TROCO

12 de janeiro

O Joaquim P'reira acabava de chegar da "terra" com o seu chapelão de abas largas e seu sólido jaquetão de veludo, quando "sô" Manoel Guimarães, proprietário da Padaria "Flor de Braga", o convidou para caixeiro.

- O essencial - avisou, entretanto, "sô" Manoel, - é que sejas honesto. O outro rapaz que eu cá tinha, pu-lo eu ontem na rua por m'haver deitado fora dois mil réis que dele não eram. Toma tu juízo, que, cá, comigo, prosp'rarás.

O Joaquim prometeu não bulir, jamais, em dinheiro da casa, e, dois dias depois, era admitido, com todos os sacramentos da rosca e da farinha de trigo, como caixeiro da "Flor de Braga". E estava já há uma semana no emprego, quando "sô" Manoel o chamou:

- "Sô" P'reira?

- Cá 'stou! - acudiu o Joaquim.

- Vá à casa do Almeida, no principio da rua, e receba esta conta de vinte mil réis.

E recomendou, prudente:

- Cuidado com o dinheiro!

O Joaquim pegou na conta, foi à casa indicada, recebeu uma cédula de vinte mil réis, e vinha, reto, no rumo da padaria, quando se encontrou com um conterrâneo, o Zé Moreira, a quem não tinha visto desde a chegada. Trocados os primeiros abraços, o Moreira convidou:

- Vamos solenizar o encontro! Arre, lá! Vamos cá à cervejaria!

Aceito o convite, foram os dois, beberam duas garrafas, trocaram notícias e saudades, e ia o Joaquim despedir-se, quando o Zé reclamou:

- E quem paga isso?

- Tu; ora essa!

- Mas eu cá não tenho um vintém; e se não pagares tu, iremos os dois bater à cadeia, o que é pior!

Amedrontado e arrependido, o Joaquim arrancou do bolso a cédula de vinte, pagou os mil e seiscentos da cerveja, recebeu dezoito mil e quatrocentos de troco, e ia pensando no meio de justificar-se perante "sô" Manoel, quando teve uma idéia, que pôs em pratica. Entrou na padaria pela porta lateral e, chamando o "Leão", um canzarrão que tomava conta da casa, pôs-se a brincar com ele, aos pulos, até que, de repente, soltou um grito.

- Que é isso lá? - trovejou "sô" Manoel, achorrendo.

Com os olhos em lágrimas, o P'reira contou o desastre:

- Foi uma desgraça, patrão! Imagine o senhõre, que eu vinha cá com o dinheiro na mão, uma cédula de vinte mil réis, e o cachorro avançou-me neles, e engoliu-os!

"Sô" Manoel franziu a testa, calculou o prejuízo, e, de um salto, estava diante do "Leão", empunhando uma garrafa de óleo de rícino. Auxiliado pelo Joaquim, abriu a boca ao animal, e, depois de purgá-lo, recomendou ao rapaz:

- Agora, fica-te cá, junto do bicho, à espera do dinheiro. Logo que ele o deite, segura-o. Meia hora depois estava "sô" Manoel de volta, a saber notícias do purgante:

- Já deitou o dinheiro? indagou do empregado.

O Joaquim, que esperava, ansioso, por esse momento, abriu a mão, e mostrou, desafogado:

- Todo, todo, não senhôre; até agora só deitou 18\$400!

E entregou o troco da cerveja.

**V**

## **A EPILÉTICA**

16 de janeiro

- Estás, então, separado de tua esposa?

- É verdade; internei-a em uma casa de saúde.

E como se tratasse de uma palestra afetuosa, entre amigos que lia muito se não viam, o mais moço dos dois, o Sr. Nataniel de Miranda, caixeiro viajante de uma conceituada casa da praça, justificou a sua conduta:

- A situação em que dia me colocou era intolerável. Eu seria um perverso, um miserável, um desumano, se conservasse na minha companhia uma senhora sabidamente enferma, perseguida por moléstia tão delicada.

- Era, então, doente?

- Doentíssima! - confirmou o esposo inconsolável.

E como se visse nos olhos do amigo uma interrogação luminosa, um desejo de conhecer, fase por fase, os detalhes daquela tragédia de coração, tomou-o pelo braço e, fazendo-o sentar-se em uma das mesas do botequim, principiou, calmo, a descrever-lhe o caso, deixando esfriar, entre voltas de fumaça, as duas xícaras de café.

- Há muito tempo eu andava desconfiado da moléstia da Luisinha. Afastado sempre de casa por exigência mesmo do meu gênero de vida, ora em excursão pelo interior de Minas, ora por S. Paulo, era com estranheza, com mágoa íntima, que eu observava, de mês para mês, a mudança nos modos de minha mulher. A transformação do seu caráter, das suas maneiras, do modo, enfim, por que definhava, a olhos vistos, fazia-me triste, aflito, preocupado, na suspeita de que alguma coisa de grave, de anormal, se estava passando na sua saúde. Em uma dessas viagens, com a alma carregada de preocupações, confessei a um parente meu, fazendeiro em Uberaba, a desconfiança, que eu tinha, de que ela sofria de ataques, na minha ausência. Ele escutou-me, pensou um momento, e, chamando-me para o interior da casa, perguntou-me porque eu não tirava a limpo essa dúvida, empregando, no caso, a experiência da tigela de leite.

- Da tigela de leite? - interrompeu o amigo.

- Da tigela de leite, sim.

E continuando:

- Esse fazendeiro explicou-me, então como era a prova. Pega-se uma tigela de leite, e põe-se debaixo da cama, em um lugar que corresponda ao meio do colchão. Em seguida, toma-se de uma colher, ou de uma vara de uns dois palmos, e amarra-se no estrado de arame, de ponta para baixo, exatamente sobre a tigela, de modo que, com o peso natural de uma pessoa, não chegue até o leite, mas de maneira que, com um movimento mais forte, como nos ataques de epilepsia, a colher, ou coisa semelhante, molhe a ponta no líquido da tigela, registrando o fenômeno.

- E fizeste a experiência?

- Espera aí. Chegado ao Rio, procurei um momento em que a Luisinha se achava ausente, e fiz o que me haviam aconselhado. com a diferença, apenas, da colher, que, por ser a cama um pouco alta, foi substituída na ocasião, por um batedor de doce, que encontrei na dispensa da casa. Feito isso, declarei que ia a São Paulo, e parti. Dois dias depois, voltei.

- E então? - indagou o amigo, ansioso, com a curiosidade nos olhos.

- O batedor tinha batido tanto, tanto, que a tigela...

- Que é que tem? - interrompeu o outro.

E o desgraçado, enxugando os olhos:

- Estava cheia... de manteiga!...

## VI

### OS SUBMARINOS

18 de janeiro

À margem do Tietê, em lugar em que o rio se tornava mais claro e menos profundo, tomavam banho, uma tarde, sete ou oito crianças, de quatro a nove anos, entre as quais uma encantadora menina, a Lili, irmã do Armindinho, que era, no grupo, o mais insuportável e barulhento. Com a inocência peculiar à idade, apresentavam-se todos despíndhos, nadando, mergulhando, pulando, como um bando de golfinhos irrequietos.

O barulho que faziam, era, como facilmente se imagina, ensurdecedor. Entregues a si mesmos, rolavam-se na areia, atiravam-se terra, empurravam-se, nadando, ora de papo para cima, ora de papo para baixo, com as mãos em movimento dentro d'água, no "nado de cachorro", batendo com os pés, na imitação dos navios de roda, ou de barriga para o sol, agitando os braços ritmadamente, como escaleres em marcha pelo impulso regular de dois remos.

Estavam os pequeninos tritões no mais aceso do entusiasmo, quando o Armindinho propôs, gritando:

- Vamos brincar de submarino?

- Vamos! - concordaram os outros, aos pulos, com o busto fora d'água. - Vamos!

Unindo o gesto à palavra, o Armindinho atirou-se à frente dos companheiros, nadando, ágil, de peito para o ar, meio submerso, dando marcha ao corpo com o movimento das mãos debaixo d'água. Imitando o inovador, os outros pirralhos fizeram o mesmo, de papo para cima,, pernas estiradas, silenciosos, como uma verdadeira flotilha de submersíveis.

Momentos depois, de volta à margem, iam repetir a proeza, quando a Lili pediu, nuazinha, batendo as mãos:

- Eu também vou, mano, eu também vou! Sim?

O Armindinho encarou-a, com a superioridade de um oficial alemão, e protestou:

- Não; você não pode!

E virando-se para um dos companheirinhos, explicou, com a maior inocência do mundo:

- Ela não tem periscópio; não é?

## **VII**

### **NINHO DO CURIÓ**

20 de janeiro

Rosto em brasa, olhos vivos, cabelos alvoroçados, atravessava o Luizinho a praça do povoado, denunciando no desalinho das roupas, no fogo das faces, no susto das maneiras, a sua última travessura, quando, ao passar pela frente da igreja, foi detido suavemente, brandamente, pela bondade do padre Guilherme.

- Venha cá, ó Luizinho!

O garoto tremeu, desconcertado, e o vigário, homem de uns quarenta anos, insistiu:

- Venha cá!

Luizinho chegou-se, respeitoso, de olhos no chão e chapéu entre os dedos, e o sacerdote indagou:

- Então, por onde andou você, hoje?

- Eu?

- Sim, você.

O pequeno corou, envergonhado, e o padre, excelente pastor, pegou-lhe da mão, puxando-o para dentro da igreja.

- Venha cá; venha se confessar.

Um minuto depois estava o Luizinho, com os olhos muito espantados, ajoelhado no confessionário, a contar ao padre Guilherme o seu grande pecado do dia.

- Eu estive hoje na mata do outro lado do rio, tirando uns ninhos de curió... confessava o garoto.

- Ninho de curió? - estranhou o confessor, franzindo a testa. - Você não sabe, então, que é pecado tirar os ninhos das avezitas, roubando os pobres passarinhos ao conchego de seus pais?

Luizinho mantinha-se cabisbaixo, vermelho de arrependimento e de vergonha, e não respondeu. O vigário insistiu, porém:

- E onde foi que você achou esses ninhos de curió?

- Na ingazeira, junto do morro.

- E havia muitos?

- Havia, sim, senhor.

- Pois, não tire mais, não. É pecado, e pecado mortal!

Na manhã seguinte, após uma noite de apreensões aflitivas, ia o garoto procurar urnas vacas na outra margem do rio, quando viu, ao longe, o vulto de padre Guilherme, que se aproximava, cauteloso, da ingazeira de que lhe falara na véspera. Luizinho escondeu-se, de um salto, em uma das moitas das proximidades, e observou tudo. Padre Guilherme chegou, com o breviário nas mãos e nariz no ar, examinou, sondou, olhou para um lado, olhou para outro, e, como não visse ninguém, descansou o livro na raiz da árvore, endireitou os óculos e subiu. Momentos depois, assinalados pelo piar dos passaritos implumes e pelo vôo das aves aninhadas, o servo de Deus descia da ingazeira, sustentando nas mãos os bolsos da batina, repletos de curiós.

Luizinho viu tudo isso, da sua moita, e não disse nada. Padre Guilherme apanhou o seu breviário e foi-se embora para a aldeia. Ele tomou, também, o seu varapau, e lá se pelo mundo ganhar a vida, até que, anos depois, homem feito, voltou, de novo, à terra do seu nascimento.

Forte, moço, querido das moças, ia, uma tarde, o Luiz pela praça da matriz, quando o detiveram pelo braço:

- Olá, Luiz, como vai?

- Oh! o Sr. padre Guilherme! - sorriu o rapagão, feliz.

E travou-se a palestra

- Então, veio à terra para casar, não?

- É verdade, sim, senhor.

O padre deu-lhe parabéns, mas, não satisfeito, insistiu:

- E a noiva?... Afinal, quem é a noiva?

Luiz encarou, firme, o reverendo, e trovejou:

- A noiva? Eu sou tolo, então, para lhe dizer quem é?

E, dando-lhe as costas, indignado:

- Pensa, então, que isto é ninho de curió?...

E afastou-se, resmungando.

**VIII**

## "VITÓRIA-RÉGIA"

22 de janeiro

A canoa, puxada a quatro remos, descia o pequeno afluente do Amazonas, desviando-se, ligeira, das grandes manchas de plantas aquáticas que a correnteza preguiçosamente arrastava, quando o velho índio Tibúrcio, sustando a remada, começou a contar-me a mais formosa lenda daquelas ribeiras.

- Antigamente, meu senhor, este rio era limpo de toda sorte de aguapé, e de corrente tão clara que se podia ver, de dia, as traíras, os pias e os mandís, rabeando, no fundo, no grande leito da areia dourada. Nesse tempo, morava na cabeceira do rio, onde as águas são mais puras, um velho índio, o famoso Tauí, cuja filha, Jaciara, assim chamada por ser a senhora da lua, era, com os seus olhos mais negros do que o acapú, a mais formosa moça das redondezas.

O caboclo enfiou, de novo, o úmido remo no grande leito do rio, fê-lo roncar, soturno, nas profundezas d'água silenciosa, e levantando-o, gotejante, continuou a narrativa:

- Um dia, voltando da caça, adivinhou Tauí, de longe, a presença de um estranho na palhoça que lhe servia de casa. Arrastando-se, como uma cobra, sobre as folhas do chão, estava o pobre pai a poucos passos da porta de esteira, quando de lá pulou um homem, que desapareceu, de um salto, no seio da mataria.

Duas remadas ressoaram, de novo, profundas, no leito do rio, impelindo a canoa, e Tibúrcio reatou a história:

- Furioso com a traição da filha, o índio, feroz, atirou-se contra ela, esganou-a, e abriu-lhe, de lado a lado, com a ponta da flecha, a caixa do peito moreno. Feito isso, enfiou no seu corpo as grandes unhas de tamanduá, e arrancou-lhe, sangrento, o coração ainda palpitante, que atirou, da porta da palhoça, à clara correnteza do rio.

Impeliu, mais uma vez, a canoa ligeira, fazendo roncar no seio da água o seu pesado remo de massaranduba, e rematou:

- Desde esse tempo, meu senhor, começaram a aparecer no rio estas verdes plantas errantes, cuja flor, alva como a lua, dorme no fundo das águas, e rebenta, à noite, com grande estampido, espalhando por tudo, em redor, a doçura do seu perfume.

E apontando-me uma "vitória-régia" que descia, alva e enorme, nos braços cariciosos das águas, acrescentou, compungido:

- Olhe, lá vai uma. É o coração de Jaciara...

E impeliu a canoa, com força.

## IX

### A MULATA

26 de janeiro

Aumentados com a descoberta do Brasil os limites civilizáveis do mundo, compreendeu Jeová, do seu trono de nuvens, a necessidade de multiplicar o homem, para povoar, em nome da sua glória, as novas regiões desbravadas. De que espécie devia ele encher, porém, a terra maravilhosa, que se mostrava tão promissora? A raça branca, que ele tanto amava e protegia, dominava, já, na Europa tumultuosa. A Ásia, berço da humanidade e dos grandes mistérios eternos, fervilhava de homens amarelos, que a enchiam toda, e que se haviam derramado, aventureiros, pelas ilhas circunvizinhas. À própria raça negra, que tanto se lamentava da sua condição e do seu destino, coubera a África inteira, de que se tornara senhora. Fazia-se mister, pois, criar um tipo novo, uma raça nova e bendita, que se apropriasse com autoridade e com orgulho, da nova terra exumada das ondas.

Resolvido isso, tomou o Senhor do seu camartelo, do seu buril, da sua verruma, do material, em suma, com que trabalhava na fabricação meticulosa dos seres vivos, e, misturando um pouco da pasta com que fizera o negro, com outra, absolutamente igual na dosagem, de que fabricara o branco, formou com as duas, uma pasta morena e macia, em que se pôs a modelar, cuidadoso, uma figura de mulher.

Concluída a obra, o estatuário ficou fascinado. Última flor do jardim humano em que pusera toda a sua experiência de escultor inexcedível, a nova Afrodita resumia, com os seus olhos negros, os seus cabelos crespos, as suas linhas voluptuosas e a sua pele acentuadamente castanha, todos os encantos e todas as graças da criação. Deslumbrado, encantado, embevecido, Jeová mirou-a, remirou-a, examinou-a, banhou-a com a luz dos seus olhos, e, de repente, com um sorriso, teve uma idéia. Foi ao laboratório, tomou nas mãos uma folha de cebola, um dente de alho, amassou-os, triturou-os, diluiu-os e, voltando à estatua, friccionou-lhe pausadamente os ombros, as espáduas e a parte superior e interna dos braços. Em seguida, ordenou-lhe, recuando:

- "Surge et ambula!"

A estatua moveu-se, preguiçosa, e com um andar lúbrico, remexido, sensual, desceu do solo em que fora polida.

Jeová sorriu, de novo, e, com orgulho paternal, apontou-lhe para debaixo do braço, dizendo-lhe, como dissera a Constantino, na legenda sagrada:

- "In hoc signo vinces!"

A mulata abriu os lábios num sorriso dengoso, e, como o Criador lhe indicasse, com um gesto, o caminho da terra, através das estrelas, rumou, enamorada de si própria, em direção ao Brasil. Vinte e quatro horas depois, porém, batia, de novo, à porta da oficina celeste.

- Você por aqui, ainda? - estranhou Jeová, espantado.

A mulata baixou os olhos, procurando justificar-se:

- Foi impossível chegar ao meu destino, meu Senhor; e eu, então, regressei, ali, das nuvens.

- Por que? - trovejou o Criador, indignado.

E ela, corando, envergonhada:

- As almas dos portugueses não me deixaram passar...

**X**

## **AS PERDIZES**

30 de janeiro

Chegado do interior de Minas, onde nasceu, vive, e não sabe se morrerá, o capitão Venâncio Pimentel, coletor em Poço Fundo, ficou deslumbrado com o Rio de Janeiro. Com uma dezena de contos no bolso, provenientes da arrecadação semestral da coletoria, tomou o simpático sertanejo a deliberação de conhecer a cidade, guiando-se por si mesmo, dispensando, em tudo, o auxílio de estranhos. Teatros, cinemas, restaurantes, subúrbios, estabelecimentos públicos, tudo isso recebeu, de passagem, a visita da sua curiosidade.

Nada, porém, lhe causou tanta admiração, como a quantidade de mulheres desacompanhadas que encontrava na rua, principalmente nas proximidades do ponto dos bondes da Jardim Botânico, depois das nove horas da noite. Adivinhando-lhe a procedência,

e farejando-lhe o dinheiro, essas criaturas infelizes acercavam-se do forasteiro, olhando-o de esquelha, sorrindo-lhe com brejeirice, num desafio maneiroso e calculado. Ele fixava então, a leviana, que tomava o bonde, e acompanhava-a até a Lapa, até o Catete, ou até a Glória, de onde voltava ao ponto de partida, para experimentar, de novo, quatro, cinco, seis, oito vezes, as mesmas sensações da conquista.

Uma destas noites, ia eu tomar o carro, às onze horas, em companhia do Sr. deputado Antônio Carlos, quando este descobriu, no ponto de costume, o capitão Venâncio, a quem me apresentou, contando-me, ao mesmo tempo, a fraqueza do seu velho correligionário e concidadão.

- Que gosto acha o senhor nessa extravagancia, Sr. Pimentel? - perguntei eu, escandalizado, ao mineiro, acentuando as palavras com a tonalidade proposital da minha censura.

- Gosto? - atalhou o sertanejo. - Gosto, eu não acho nenhum. Eu acho é engraçado.

- Engraçado? - estranhei.

- Sim, senhor. Eu faço isso para me lembrar de Minas, das minhas caçadas no Poço Fundo. Cada mulherzinha dessas é mesmo que perdiz.

- Perdiz? - interveio o Dr. Antônio Carlos, admirado.

- Sim, senhor. Vossa Senhoria nunca andou caçando perdiz?

E explicou, ajudando a palavra com a mímica:

- A gente vai, às vezes, pelo mato, pisando aqui, pisando ali, cauteloso. com a espingarda calada, quando ouve, de repente, um barulho no chão, entre as folhas. Olha, e vê: é a perdiz que está no folheto, imóvel, quieta, olhando p'ra gente. Sentindo-se descoberta, solta um vôo baixo, rasteiro, junto do solo. A gente não atira: vai andando, vai seguindo, vai acompanhando a bicha, até que ela, afinal, chega no ninho.

- E quando a perdiz chega no ninho, que é que faz? - indaguei, curioso.

E o capitão, rindo:

- Que é que faz? Deita-se!

E saltou para o estribo de um bonde, espantando uma revoada...

## XI

### A OBRA PRIMA

2 de fevereiro

O almirante Ribas acabava de referir às senhoras, à mesa de jantar, a origem da mulata nacional, tal como eu a contei, aqui, há poucos dias, quando o desembargador Pessegueiro, recompondo as guias do bigode grisalho e cuidado, atalhou, com orgulho:

- Há engano nessa tradição, Sr. almirante: há engano. A mulata não teve origem no céu, como se diz; a sua origem, para gloria nossa, é toda terrena.

Ele recostando-se na cadeira, apoiando-se na mesa com ambas as mãos, começou, pausado, a sua narrativa:

- O preto, o branco e o amarelo, que habitam a África, a Europa, a Ásia e a Oceania, foram, realmente, modelados por Jeová, que os reconheceu, de fato, como seus filhos. Atirando-os, aos milhares, ao mundo, ele os conhecia todos, regulando-lhes a vida e a morte. E tanto assim, que, quando aparecia, no céu, de volta da terra, um branco, um preto ou um indivíduo de raça asiática, ele tomava, paternal, pela mão, reconduzindo-o ao convívio dos bem-aventurados.

Feita uma pequena pausa, o desembargador continuou:

- Certo dia, porém, bateram à porta de ouro do céu. Solícito, como sempre, S. Pedro correu a abri-la, e recuou, deslumbrado: era a primeira mulata que, requebrada, cheirosa, encantadora, incomparável, penetrava, triunfante, no Paraíso!

As senhoras sorriram, admirando o entusiasmo do velho magistrado, e ele, sorrindo com elas, retomou o fio à narrativa:

- A presença daquela criatura estranha, rica de encantos, de graças, de seduções, agitou, de pronto, a morada celeste. Anjos e serafins rodeavam-na, fascinados, tontos, embriagados de beleza. Estrelas que viviam isoladas no azul, achegavam-se, cochichando, formando constelações. E uma grande música religiosa ressoou pelas alturas, celebrando, num enlevo, o maravilhoso acontecimento.

Nesse ponto, com os braços e os lábios abertos, o desembargador ficou-se, como num êxtase. Passado um minuto, continuou:

- Avisado da novidade, Jeová quis, ele próprio, ver o prodígio; e, descendo do seu trono de pedrarias, encaminhou-se, com o cortejo de arcanjos, no rumo da porta, de se achava a mulata, rodeada de santos e querubins. Chegando aí, ao vê-la, ele próprio recuou, tapando os olhos com as mãos; diante dele, a cabeça pendida para um lado, os lábios entreabertos num sorriso, e os olhos entrefechados num delíquio, a recém-chegada esperava-o, doce, linda, maravilhosa! Passado o primeiro momento de pasmo, o Supremo Arquiteto levantou o rosto venerável, e, com a barba soberba derramada pelo peito largo, bradou, deslumbrado:

"- Eu fiz a raça preta, que povoou a Líbia ardente, suportando, impassível, o fogo dos desertos. A raça amarela, cujas mulheres, pequeninas e tímidas, enchem a Ásia, é obra minha. A mulher branca, delicada, mimosa, de olhos azuis e cabelos de ouro, saiu das minhas oficinas. Que artífice terá, porém, imaginado e realizado esta jóia, esta obra-prima da natureza, esta flor incomparável da criação?"

Nesse momento, os bem-aventurados abriram alas, deixando ver uma figura curiosa: barba feita, bigode retorcido, correntão de ouro atravessado sobre o colete, que lhe dava maior vulto à obesidade, apareceu, sorridente, o Manél da Venda, exclamando, com orgulho:

- Eu, Senhor!

Ante essa confissão, Jeová não resistiu: encaminhou-se para o Manél, que o olhava desafiadoramente, e, sem se conter, bradou, com os olhos úmidos:

"- Mestre!..."

E apertou-lhe a mão, comovido.

**XII**

**MAMÃE**

5 de fevereiro

Chepélinho de palha de grandes abas e de grandes fitas atirado para a nuca e preso ao queixo, em baixo, por um elástico de seda que lhe flagiciava as carnezinhas tenras; calcinha pelo joelho, cinto de mulher e bengalinha à mão, vai o Antoniquinho, com os seus três anos de idade, pela rua Gonçalves Dias, arrebatado pela pressa elegante da sua mamãe.

Seguro pela mão esquerda, com a bengalinha na direita, de balde procura o pequenito deter-se diante das vitrinas, para ver os manequins, os macacos de veludo, os ursos de pelúcia, os cavalinhos de pau, as coisas galantes ou vistosas que lhe encantam os olhos. A boquita quase do tamanho do pipo de borracha de que prescindira no ano anterior, não se cansa de papaguear. As suas perguntas, que são as mais ingênuas e atrapalhantes, ficam, porém, sem resposta. D. Odete vai, apressada, sem saber mesmo o motivo, e não pode prestar atenção, ao mesmo tempo, à gentileza dos conhecidos, que a saúdam atenciosos, e à insaciável curiosidade do Antonico.

De repente, com a atenção despertada por um rico vestido de passeio, a moça estaca, sem abandonar a mão do pequeno, diante de um mostruário de modista. Desinteressado das modas, Antonico prefere olhar uma vitrina da casa de flores e aves, que fica ao lado, e em que se vê, perto de um casal de grandes galinhas pretas, alguns ovos de raça. Sem outra coisa a perguntar no momento, o pirralho ergue os olhos muito negros e muito vivos, indagando, em voz cantada e doce, como a de um anjo:

- Mamãe, galinha preta põe ovo branco?

D. Odete não lhe responde; toma-lhe da mãozinha tenra, miúda como um jasmim, e parte, de novo, apressada. Adiante, porém, com a rapidez da marcha, Antonico atrapalha-se com a sua bengala de dois palmos de comprimento, enfia-a entre as perninhas nuas, tropeça, rodopia, e vai ao chão, esfregando os joelhinhos no asfalto. Vem-lhe uma vontade de chorar, mais do susto do que da queda. O beicito treme, abotoando num cravo. D. Odete prevê, porém, o berreiro, suspende-o do solo pela mão, e infunde-lhe coragem, ânimo, dignidade, sacudindo-lhe com o lenço o joelhinho escoriado:

- Não chore, meu filho, não chore!

E sem dar pelo que dizia:

- Seja "homem", como sua mãe!

**XIII**

**A INTENÇÃO**

8 de fevereiro

A pequenina igreja de Santa Engrácia estava quase despovoada de fieis, que se iam retirando, um a um, molhando os dedos na água benta, quando o Onofre penetrou no templo, desconfiado, chapéu na mão, camisa para fora da calça, à maneira da terra, procurando falar a padre Lourenço, que se achava, no momento, arrumando a paramenta eclesiástica na pequena cômoda da sacristia. Ao ver o caboclo, afamado em toda a vila pela sua desenvoltura, o sacristão, o Zézinho, correu ao seu encontro, levando na mão, pingando cera, o apagador de velas com que abafava, naquele instante, as últimas luzes do altar-mor.

- Que é que você quer, Onofre? - indagou o sacrista. - Quer falar com "seu" vigário?

- Chame ele! - respondeu o caboclo, soturno.

Cinco minutos depois, após as explicações preliminares, estava o desordeiro ajoelhado diante do confessional, torcendo o chapéu nos dedos, com o cabelo a cair, em cachos revoltos, sobre a testa e sobre os olhos.

- Qual é o pecado de que se acusa, meu filho? - indagou o sacerdote, bondoso, procurando conduzir com jeito aquela ovelha bravia.

O caboclo baixou a cabeça, e confessou:

- Eu não matei, nem roubei ninguém, não, "seu vigaro". Meu pecado é um pecadinho de nada. É uma porcariazinha de pecado que nem presta p'ra dizê.

- Conte, filho; conte sempre! - animou o padre.

Onofre tomou fôlego, e principiou a narrar:

- O'ie, "seu" vigaro, foi assim. Eu tinha brigado com o Chico Julião, da Lagoa Funda, e jurei tomá um desforço, dando as tripa. dele p'r'os urubu cumê. Ontem, de tardinha, me armei, e fui fazê o serviço. Ele tava na porta da casa com a muié e os fio dando cumê p'r'os bicho meúdo. Eu me apiei e avancei p'ra ele disposto a matá; mas fiquei tão penalizado, "seu" vigaro, com a vista da famia, daquela fiarada que ia ficá sem pai, que, em vez de matá o infiliz, só meti a pontinha da faca no couro dele, um pedacinho de nada. O cabra deu um pulo p'ra riba, e lá ficou vivo, só com um arranhãozinho na costela, feito p'ra amedronta. "Seu" vigaro acha que isso é pecado?

Padre Lourenço tomou uma pitada, assoou-se, com estrondo, no lenço de Alcobaça, que lhe tirava todas as dúvidas, e obtemperou, convicto:

- É pecado, sim, meu filho; é pecado. tão grande como o de morte!

- Mas eu não matei, "seu" vigaro! protestou o caboclo.

- Não importa. Houve o pensamento, a idéia de matar. É o que vale, meu filho, é a intenção!

Onofre baixou a cabeça, humilde, e o padre continuou:

- Eu vou dar-lhe uma penitenciazinha. você não torne a cair noutra.

Assoou-se, de novo, e explicou:

- Você vai rezar quarenta e oito padre-nossos, setenta ave-marias, e setenta salve-rainhas. Antes de sair, porém você vai pôr, ali, no cofre das almas. uma prata de dez tostões.

E levantando-se:

- Vá! O caboclo ergueu-se, pôs o chapéu debaixo do braço, exumou do bolso da calça uma prata de dez tostões que lá dormia, encaminhou-se para o cofre, que ficava perto da porta, e, jeitoso, começou a friccionar, com a moeda, a entrada da caixa, sem deixar, entretanto, que ela escapulisse para dentro. Feito isso, ia meter de novo a prata na algibeira, quando padre Lourenço, que o observava, gritou-lhe, de longe:

- Psiu! Que é isso? Vai levando o dinheiro?

O caboclo voltou-se, da porta, e protestou, com um risinho canalha:

- Uê! A "tenção" não vale?

E ganhou a rua.

## OS JASMINS

11 de fevereiro

- Que linda flor, almirante; e que perfume!

Foi assim que a linda viúva Dagmar Antunes recebeu, num arrulho gracioso, a florzinha alva, a mimosa estrelinha de neve, que o almirante Ribas destacara, gentil, da botoeira do seu "smoking" impecável.

- Dona Dagmar não conhece, porventura, a história desta flor? - perguntou, risonho, o velho marinheiro, tomando lugar ao lado da moça, no mesmo canapé.

E como a encantadora senhora lhe respondesse com o enigma de um sorriso, o almirante começou, falando-lhe quase ao ouvido:

- Para a primeira mulher, como a senhora sabe, a expulsão do Paraíso teve a importância de uma verdadeira calamidade. A maldição de Jeová tombava, principalmente, sobre ela, sobre o seu destino, sobre a sua felicidade na terra. Era ela que ia sofrer, dali em diante, as dores da multiplicação da espécie. Era sobre ela que iam recair as penas, os trabalhos, os cuidados da vida doméstica. Era sobre ela, em suma, que iam pesar as preocupações do vestuário, da mudança quotidiana da folha de parreira. E, por isso, era com o coração aos pedaços que ela ia deixar, para sempre, aquele abençoado domínio do Senhor.

Nesse ponto, fez pausa, olhou os dentes miudinhos da moça, que continuava a sorrir, e acrescentou, bordando a fabula:

- Expulsos do Éden, Adão e Eva baixaram a cabeça, e partiram, tristes, humildes, abatidos, para a horrível solidão do degredo. Assim, porém, que ultrapassaram os limites do grande jardim das delicias, nossa primeira mãe não pôde mais. Os lindos olhos umedeceram-se-lhe, como violetas tocadas de orvalho. E à medida que ela ia andando, iam as lágrimas caindo uma a uma, dos seus grandes olhos, assinalando, na areia, como pérolas do mesmo colar, as curvas do seu caminho. No dia seguinte, porém, ao amanhecer, o rosto da primeira mulher iluminou-se de uma divina felicidade: marcando os seus passos no Deserto, a areia aparecia semeada de florinhas em forma de estrela, alvas como a inocência e cheirosas como o pecado!

Virou-se mais para a moça, e explicou:

- Foi assim, das lágrimas da mulher, que nasceram os jasmims!

E olhando-lhe nos olhos, com a voz trêmula:

- E foi nas pétalas dos jasmims, D. Dagmar, que Deus talhou os seus dentes!

**XV**

## **EDUCAÇÃO ANTIGA**

14 de fevereiro

As pessoas que desceram à cidade sexta-feira pela manhã, ouviram falar, com certeza, em uma vaia de que teria sido vítima, em plena Avenida, uma senhorita inconvenientemente vestida. Indignadas com a competência daquela atrevida, outras senhoras explodiram em exclamações admirativas, a que os homens, para agradar à maioria, deram seguimento, rompendo em assuada.

A mim, me custa a crer que isso tenha acontecido, por uma circunstância muito natural por não ser possível, mais, na cidade, uma "toilette" capaz de motivar surpresa. As que se exibem na Avenida impunemente, todos os dias, são de tal ordem, que, para causar escândalo, pasmo, admiração, seria preciso, não, apenas, tirar o vestido de cima da pele, mas tirar a pele de cima do corpo.

Comentava eu esse incidente, ontem, à noite, em uma roda de damas e cavalheiros, quando uma das senhoras menos jovens, Dona Ernestina Vale, procurou uma explicação para esse descabro:

- O motivo dessa falta de pudor de certas moças de hoje, - começou, perspicaz - deve ser atribuído, sr. conselheiro, aos próprios pais, ou, antes, às mães.

E expôs o seu pensamento:

- O senhor vê, hoje, como as mães vestem as crianças. Não há dia em que não encontremos na rua meninas de quatro, seis, oito e, até dez anos, com vestidinhos muito acima dos joelhos, com os bracinhos nus, o colozinho à mostra, numa exibição completa das suas carnesinhas tenras. Aos doze anos, já mocinhas, a "toilette" dessas criaturinhas apresenta pequena diferença. E como não tiveram, em criança, a noção do pudor físico, entram assim na mocidade, sem tentar esconder as partes do corpo que nunca lhes disseram que deviam ser escondidas.

- A senhora acha, então, que elas fazem isso sem maldade? - obtemperou o Dr. Austregésilo, tomando nota na carteira.

- Perfeitamente, doutor! Elas fazem isso com a maior inocência do mundo. Os índios não se apresentam inteiramente nus aos olhos dos civilizados? E não o fazem ingenuamente, inocentemente, por terem sido criados assim? Criemos as meninas com decoro, vestindo-as com discrição, e teremos moças discretas, pudicas, decorosas, ciosas do seu corpo e dos seus encantos.

E, dizendo-me isso, acrescentou, severa, calçando as luvas, deixando-me ver, pelo vestido decotado e sem mangas, dois sinaizinhos negros, quase imperceptíveis, que se lhe aninhavam um pouco abaixo das axilas:

- Assim é que eu fui criada!